

A força do Mikisi: entrevista com Tat'etu Obaziri

Gustavo Tanus *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-5696-7187>

Fernanda Rodrigues de Figueiredo **

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-3831-944X>

Makota Kambatuê ***

Sambukuendakô Filho de Kavungo, é Tata Kambono Moloji da casa Wànná Kavungo, de Santa Luzia, Minas Gerais, Angoleiro, é membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Gênero e Sexualidade – NEPGES, do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG, Campus Almenara. Formado pela EJA, é graduado em letras, em Estudos literários e, depois, em edição. Mestre em Teoria da literatura e literatura comparada, formações pela UFMG. Doutor em Estudos da linguagem pela UFRN.(*)

Fernanda Rodrigues de Figueiredo Filha de Zumbá e Kavungo, é Professora do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG, Campus Almenara. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Gênero e Sexualidade - NEPGES. É mestra em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Fale/UFMG, 2009), bacharela em Letras e licenciada em Língua Portuguesa pela mesma universidade. É também graduada em Pedagogia, com especialização em Educação Tecnológica Inclusiva, Sexologia, Novas tecnologias, Gestão escolar, Supervisão e orientação escolar, Neuropsicopedagogia, Pedagogia Digital e Inovações tecnológicas.(**)

Makota Kambatuê graduanda do 10º Período em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).(***)

Tat'etu Obaziri, filho de Dona Geralda, com quem aprendeu os primeiros passos no conhecimento e sabedoria das folhas e das benzeções. Iniciado, há 35 anos, no Candomblé, pela Mam'etu Aparasile, conhecida por Mãe Glória, na Casa de Cultura Lode Apra, em Santa Luzia; é sacerdote da Casa Wànná Kavungo, fundada em abril de 2000, na cidade de Santa Luzia, Minas Gerais.

* Poeta. Doutorando em Estudos da Linguagem / Leitura do Texto Literário e Ensino (UFRN). Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada / UFMG, tendo atuado na Formação Intercultural de Educadores Indígenas (Faculdade de Educação/UFMG). Pesquisador e integrante da comissão editorial do literafro, Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA/Faculdade de Letras/UFMG). Cofundador e pesquisador do Moviola – grupo de pesquisas intersemióticas/intermédias: travessias entre Cinema, Literatura e outras áreas. E-mail: gustavotcs@gmail.com

** Filha de Ndandalunda, é Professora do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG, Campus Almenara. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Gênero e Sexualidade - NEPGES. É mestra em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Fale/UFMG, 2009), bacharela em Letras e licenciada em Língua Portuguesa pela mesma universidade. É também graduada em Pedagogia, com especialização em Educação Tecnológica Inclusiva, Sexologia, Novas tecnologias, Gestão escolar, Supervisão e orientação escolar, Neuropsicopedagogia, Pedagogia Digital e Inovações tecnológicas. E-mail: fernanda.figueiredo@ifnmg.edu.br

*** graduanda do 10º Período em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, E-mail: ninnacampos2@gmail.com

Entrevistadores: Como aconteceu seu início com a Cultura do Candomblé?

Tat'etu Obaziri: Naquela época, início da década de 1980 eu era um médium da Umbanda, desenvolvido há 4 anos no centro Pai Gerônimo. Minha mãe carnal era a dona do centro. Um dia minha mãe me falou sobre uma festa de Ogum que ia acontecer numa casa no bairro Frimisa. Naquela época eu conhecia alguns centros de Umbanda que tinham na cidade, mas nenhum que eu conhecia fazia festa de Ogum. Isto me deu a oportunidade de conhecer mais um centro. Enfim, chegou o dia da festa, e foi quando eu conheci a Casa de Ogum Lodé e Oxum Apará. Foi meu primeiro contato com o Candomblé. Um acontecimento ímpar. Quando eu entrei na casa eu tive uma sensação tão forte, como se a Casa me abraçasse, me acolhesse, um sentimento de alegria, euforia e felicidade que eu jamais tinha sentido. Me senti em casa, totalmente acolhido. Um fato curioso é que, depois que eu fui a essa festa, eu nunca mais consegui entrar em um terreiro de Umbanda. Eu até cheguei a ir, mas não me sentia bem, como se, aquele lugar não me coubesse mais. Foi, então, a partir dessa Festa de Ogum, que eu conheci o Candomblé e nunca mais sai. Eu sempre digo que Ogum e Oxum são meus iniciadores, porque me receberam e me acolheram com muito carinho, de braços abertos.

Entrevistadores: Qual era a visão social que se tinha com relação ao Candomblé quando o senhor era criança? Isso mudou nestes tempos?

Tat'etu Obaziri: Eu não fui criança de candomblé. Eu fui um adolescente na Umbanda. Eu fui desenvolvido aos 14 anos, mesmo assim escondido de minha mãe, porque ela não queria que nenhum dos filhos dela “mexesse” com isso. Com essa postura de minha mãe dá para se ter uma ideia de que a visão social naquela época, em relação à Umbanda e, com certeza, ao Candomblé, era que elas não eram religiões bem vistas, aceitáveis pela sociedade, que era quase cem por cento católica, ainda mais em cidade de interior, muito conservadora. O preconceito sofrido por minha mãe era um infortúnio, e ela não queria que a gente passasse por isso. Nos tempos de hoje, aqui na cidade, penso que nada mudou. No meu modo de ver, a sociedade luziense, que se divide entre evangélica e católica, teve que aceitar o Candomblé e a Umbanda. Isso por causa das leis e dos direitos de culto, adquiridos pelas lutas do povo de Axé. Das cidades metropolitanas de Belo Horizonte, Santa Luzia é a cidade que mais possui casas de candomblé e umbanda. Há tempos eu acompanho e participo de Entidades criadas para

reivindicar direitos de espaços para eventos públicos de divulgação da nossa religião. Muitas entidades foram criadas ao longo de uns 30 anos, mas ainda pouquíssimo se conquistou. Sempre houve muito desinteresse do poder público; mudam prefeitos e vereadores, que são eleitos e reeleitos, e nada acontece. Assim as casas de culto vão sobrevivendo com muita luta e resistência.

Entrevistadores: Para o senhor, o que são os Mikisi?

Tat'etu Obaziri: É até interessante esta pergunta visto que este termo “Mikisi” da língua Kikongo só existe há pouco tempo por cá no Candomblé mineiro. Talvez circule há mais tempo, mas, há pouco, é conhecido. Se formos entendermos os Mikisi, não é nada diferente do que a gente de cá já não sabia. Forças ancestrais e naturais que deram origem à vida como a conhecemos, e que interagem entre si, numa busca para manter o ciclo e o equilíbrio natural das coisas. Isto se falarmos como coletividade. Em termos de cada indivíduo, são as mesmas forças ancestrais e naturais dentro de cada ser vivo, que o culto aos Mikisi, pelo Candomblé Angola, procura equilibrá-las dentro de nós mesmos, para que possamos entender nosso potencial como pessoa, em relação a nós e em relação à comunidade em que vivemos, a nos fortalecer diante de nossas fraquezas, como “ntu” (ser). Estas forças sempre as conhecemos com Bakulos, emanações da própria vida, Zambi Apungo.

Entrevistadores: Como sacerdote de uma Casa de Kavungo, o que poderia representar a força dos Mikisi?

Tat'etu Obaziri: Bem, a força dos Mikisi não pode ser representada, é impossível representá-las de alguma forma, pois são abstratas. São forças que emanam de um jeito tão íntimo e tão forte que só podem ser sentidas dentro de cada um de nós. Se formos falar de como estas forças se manifestam dentro da casa, cada uma delas se faz sentir de maneira única, em cada momento, em cada evento, e em cada ambiente, nos espaços da casa. Claramente se percebe, quando adentramos a casa. Num sentido a mais, são forças que nos mantêm de pé, vivos, e que nos impulsionam, nos fazendo seguir em frente. São as forças vitais.

Entrevistadores: Conversamos com Tat'etu Obaziri, que é sacerdote do Candomblé Angola. Pai, agradecemos imensamente a sua disponibilidade para a entrevista, e gostaríamos de deixar um espaço livre, caso você queira fazer algumas outras considerações. Esteja, então, à vontade para falar suas palavras finais nesta entrevista. É interessante falar sobre como o candomblé, que sempre foi mal visto pela sociedade, sabendo que os Governantes e alguns líderes religiosos não nos reconhecem como uma religião, mas sim, nos veem como seita. A controvérsia é que o Candomblé é uma religião de acolhimento, não só de pessoas, mas de nações inteiras. O Candomblé foi instituído para acolher todas as culturas e religiosidade dos povos escravizados no Brasil. Acolheu as nações Ketu, Jeje, Fons, Nagôs, Malês, Bantu, Yorubá e também os Indígenas. Com o intuito de unificar dar força e visibilidade a todos os povos, e até hoje nós descendentes destes povos não somos reconhecidos, temos que lutar muito para conquistar um espaço merecido, pois somos descendentes daqueles que construíram o país. Será que em algum tempo na história futura seremos reconhecidos, ou para que isto aconteça precisamos reconhecer quem, de fato, nós somos?

Recebido em: 23/02/2025

Aceito em: 24/06/2025



Para citar este texto (ABNT): TANUS, Gustavo; FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de; KAMBATUÊ, Makota. A força do Mikisi: entrevista com Tat'etu Obaziri.. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.5, nº 2, p. 347-350, jul./dez.2025.

Para citar este texto (APA): Tanus, Gustavo; Figueiredo, Fernanda Rodrigues de; KAMBATUÊ, Makota (jul./dez.2025). A força do Mikisi: entrevista com Tat'etu Obaziri. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (2): 347-350.